



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da Conferência Nacional de Aqüicultura e Pesca
Centro de Treinamento da CNTI – Luziânia-GO, 25 de novembro de 2003**

Excelentíssimo senhor governador do estado de Goiás, Marconi Perillo,
Excelentíssimo companheiro José Fritsch, secretário especial de
Aqüicultura e Pesca,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, ministro do Trabalho,

Demais ministros aqui presentes,

Senhor Delfino Clécio Machado, prefeito de Luziânia,

Senhor Aprígio Guimarães, secretário para assuntos do Trabalho e da
Previdência Social da CNTI,

Deputado Célio Silveira, presidente da Assembléia Legislativa do estado
de Goiás,

Senhores deputados federais,

Meus queridos representantes das entidades patrocinadoras da
Conferência Nacional de Aqüicultura e Pesca,

Senhores membros de grupos de trabalho,

Senhores representantes do setor de aqüicultura e pesca,

Meus companheiros pescadores, dirigentes de cooperativas,

Demais entidades que estão contribuindo para o sucesso deste
encontro,

Prefeitos aqui presentes,

Eu estou vendo aqui o prefeito de Cabedelo, o companheiro Júnior,

Estou vendo aqui nosso companheiro, o prefeito de Capuí.

Em agosto de 2002, eu ainda não sabia se seria eleito Presidente da
República, o Fritsch não sabia se seria ministro e, portanto, não sabíamos que



em novembro de 2003 estaríamos aqui.

Eu tive a oportunidade de fazer uma viagem de barco no Rio de Janeiro, eu, a Benedita e alguns deputados nossos, e finalizamos a viagem num terminal de pescadores no Rio de Janeiro, onde eu li uma carta. A carta que eu li no Rio de Janeiro, assumindo alguns compromissos, é de antes da minha ida ao Rio, é de um encontro do qual participei em Itajaí. Nosso querido companheiro Volnei, nosso deputado, presidente da Assembléia do Estado, me convidou para ir a um congresso de pescadores em Itajaí. Lá, eu recebi a primeira pauta dos pescadores e, com isso, conseguimos produzir o documento que eu li no Rio de Janeiro.

Antes de eu ler o meu pronunciamento, quero dizer à companheira Sônia que eu não tenho dúvida de que alguém que consegue organizar uma conferência no coração do Brasil, trazendo gente simples de todo o território nacional para Luziânia, para a sede da CNTI, certamente terá a mesma capacidade de fazer com que daqui saiam grandes decisões que possam nortear a atuação do nosso querido Ministro e a atuação do nosso governo.

Não há nenhuma vergonha e não existe nada de errado quando o governo, que não tem obrigação de saber de tudo, não souber. Ao invés de fazer errado, como historicamente foi feito neste país, é melhor consultar aqueles que sabem.

A gente tem que ter a humildade de chamar aqui aqueles que sabem, aqueles que estão nisso há trinta, quarenta anos, aqueles que dedicaram parte da sua adolescência, parte dos melhores anos da sua vida tentando encontrar na pesca o sustento da sua família e que, possivelmente, têm muito mais conhecimento do que este país pode ganhar com a pesca do que qualquer especialista, qualquer engenheiro, qualquer doutor formado nas melhores universidades deste país.

Eu me lembro que na campanha de 1994, o companheiro Antônio Grassi, presidente da Funarte, no intervalo entre uma novela da Globo e outra,



fazia campanha comigo e, de repente, começou a me chamar de pescador; ele me encontrava e gritava: “pescador, ô pescador”, por uma historinha que eu contava.

Eu aprendi essa história com o companheiro Bisol. Ele conta uma história que um dia um doutor entrou num barco e perguntou para o pescador se ele sabia o que era filosofia. E o pescador não tinha a menor idéia do que era filosofia. Depois, ele fez mais umas três, quatro perguntas difíceis para o pescador e o pescador não sabia nenhuma. Ele falou, então: “Você é muito ignorante, você não vai para lugar nenhum, você não sabe nada.”

Aí, o pescador, na sua humildade, foi lá no fundo do barco, pegou um peixinho e falou: “doutor, o senhor sabe que peixinho é este?” Aí, o doutor falou: “Eu não sei”. Ele pegou outro peixe: “Doutor, e este aqui, o senhor conhece?” “Não!” Pegou o terceiro peixe: “Este aqui, você conhece, doutor?” “Não!” “Então, por que eu sou ignorante e Vossa Excelência não?”

Vocês podem extrair desta Conferência, que possivelmente seja a coisa mais importante que já tenha acontecido na questão da aquicultura e pesca deste país, uma verdadeira constituição, um catecismo, uma bíblia, alguma coisa que possa balizar a vida de vocês daqui para a frente, porque, mais importante do que essas leis que nós assinamos agora, o que vocês precisam extrair daqui é uma lição para todos nós.

Uma lição para os brasileiros que, muitas vezes, compram um peixe no supermercado e nunca se interessam em saber como é a vida daquele que pescou aquele peixe.

Muitas vezes, quando saímos de férias e vamos passear em algum lugar deste país, se for numa praia então, a gente se levanta cedo. Eu fui para Angra passar dez dias em Ilha Grande, e me levantava todo dia às 6 horas para ir tirar a rede com os companheiros pescadores. Ia às 6 horas, às 10 horas, às 2 horas da tarde e às 6 horas da tarde.



Quando a gente voltava com o barco cheio de peixe, tinha um monte de turistas ali, parados, para comprar. Ou seja, ninguém queria saber nada da situação do pescador. Todo mundo só queria saber de regatear o preço: “Trinta centavos é caro, dá por 20 um quilo de tainha ou vende essa sardinha por tanto”. Ninguém perguntava: “Escute aqui, companheiro, porque você está mal vestido assim, você está ganhando bem? Você tem Previdência Social? Você tem Seguro-Desemprego? Quando você não puder pescar, como é que você vai viver? O prefeito construiu escola aqui, nesta ilha em que você está? Nesta cooperativa? Você tem assistência médica?”

Muitas vezes, nós não temos o hábito de perguntar essas coisas. Nós vamos aos lugares, conhecemos as pessoas, voltamos e esquecemos as pessoas no dia seguinte.

É como se não fôssemos compostos de cérebro, de sentimentos, de coração, como se a gente não tivesse que interagir os nossos problemas e as nossas soluções.

Daqui vocês podem tirar a coisa mais sagrada que podem aproveitar para o resto da vida, para os seus filhos, para os seus netos. A consciência de um pescador sozinho numa jangadinha, na beira do lago, com uma varinha ou com uma tarrafa não representa muita coisa, mas na hora em que vocês tomam consciência, não medem sacrifícios e vêm para cá e juntam mais de mil companheiros e companheiras para decidir o destino de vocês, vocês estão criando, quem sabe, a maior rede de pescar que a Humanidade já criou. Uma rede indestrutível, como se fosse a própria rede de pescar, porque apenas um fio não daria para fazer uma rede, mas vocês trançam vários fios até que conseguem formar uma coisa que pode trazer peixe.

O que vocês estão fazendo aqui é um pouco isso. Não percam nunca a certeza de que, se vocês souberem se juntar e souberem cobrar de nós – porque nós também não podemos fazer tudo – podem ficar certos de que podemos fazer muito mais do que já fizemos. Muito mais.



E nós poderemos fazer muito mais, junto com vocês. Lembro-me que, quando ganhei as eleições, assim que eu indiquei o companheiro Fritsch, falei: Fritsch, nós temos que arrumar, lá no Rio de Janeiro, um galpão daqueles das docas para que os pescadores possam colocar os peixes lá, montar uma cooperativa e, ali, ter um lugar para tratar e vender o peixe. O Fritsch foi atrás.

O primeiro problema é que ali tinha um galpão, não me lembro o número dele agora, que tinha um problema muito sério de trânsito, não tinha como parar carro e, então, seria ruim para as pessoas terem acesso a uma espécie de mercado.

Depois, o Fritsch voltou encantado com um tal de um terreno chamado Fundão, lá na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Era um terreno grande, daria para fazer muita coisa, mas aí a Universidade tinha aquele terreno como se fosse coqueluche, ou seja, não podia abrir mão porque era a única área verde que tinha ali para a Universidade. Eu falei para o Fritsch: não vamos brigar com a Universidade, vamos tentar procurar um outro local, nós temos tempo para fazer isso; se não fizeram durante tanto tempo, não temos a obrigação de fazer as coisas no primeiro ano. Nós temos que nos preparar para fazer.

Podem ficar certos de que não apenas no Rio de Janeiro, mas em vários lugares deste país, quando terminarem os meus quatro anos, se Deus quiser, nós faremos vocês chegarem do rio ou do mar, encostar o barquinho e terem um mínimo de possibilidade de colocar valor agregado no produto que vocês pescam.

Hoje, quando damos início aos trabalhos dessa 1ª Conferência Nacional de Aqüicultura e Pesca, eu tenho orgulho, meus companheiros deputados, como tenho orgulho de vocês, porque quando nós mandamos a lei para garantir aos pescadores o seguro-desemprego, tinha muita gente que achava que era impossível, e nós aprovamos.

Eu quero dizer que não basta vocês baterem palmas para o Fritsch e



para mim, é preciso que a gente reconheça o trabalho sério que a Câmara dos Deputados e o Senado da República fizeram, em tudo o que foi pedido até agora.

Eu tenho o orgulho de afirmar que, das 11 metas que nós estabelecemos naquele documento, sete já estão em fase adiantada; é que vocês não pediram mais, pediram só 11. Sete nós já estamos implementando.

Número um. A primeira delas foi a criação da Secretaria, para que integrasse o grupo de Ministérios e para que tivesse uma relação muito forte com os pescadores.

Eu fui muito criticado na época, porque muita gente que escreve ou que fala na televisão, possivelmente achasse que peixe vinha voando e caía no prato da gente. Eles não tinham a dimensão da totalidade de vocês. Então, nós fomos muito criticados porque criei o Ministério, mas eu nunca consegui entender por que num país, com uma costa marítima como a nossa e com a quantidade de água doce que temos, o Ministério da Pesca fosse tratado como um item do Ministério da Agricultura.

Da mesma forma, o turismo. A elite brasileira passa 50 anos falando do assunto, mas o turismo era um Ministério ligado ao esporte, ou seja, se é tão importante para o nosso desenvolvimento, por que não criar? E criamos. Criamos e estou orgulhoso. E quero dizer aqui, na frente de vocês, não é para vocês fazerem abaixo-assinado pedindo que o Ministério continue ou saia, mas se há pessoas que podem estar muito orgulhosas neste país são os pescadores, com o trabalho do companheiro Fritsch.

O Fritsch é como aquele jogador de bola que, embora não seja o melhor do time, toda a torcida gosta dele. Sabem por quê? Porque, para nós, muitas vezes, melhor do que o maior jogador, que fica esperando que a bola chegue até ele, é aquele que do começo ao fim do jogo não desanima nunca, corre atrás da bola, é aquele que sempre acredita que é possível. Mesmo quando a



bola está saindo fora, ele está correndo atrás dela. Esse vale mais do que muitos que parecem bons.

Número dois. Elaboramos um Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável para a Aquicultura e Pesca, específico para cada uma das regiões brasileiras.

Número três. O IBAMA foi mantido como órgão fiscalizador, dotado de recursos materiais e humanos compatíveis com o bom desempenho da atividade.

O objetivo é preservar da pesca predatória os ricos mananciais existentes no nosso país, garantindo benefícios para todos.

Número quatro. Estamos implementando, em parceria com o BNDES, o BASA e o BNB, um Programa de Renovação da Frota Pesqueira, que apóia tanto a recuperação da indústria naval, como incentiva a substituição das atuais embarcações por outras mais modernas.

O que é isso? Ora, se o BNDES e os bancos públicos têm dinheiro para financiar a agricultura familiar e a agricultura empresarial, se temos dinheiro para financiar tratores, se temos dinheiro para financiar carros, se temos dinheiro para financiar tanta coisa, por que não financiar um instrumento de trabalho que, para um pescador, tem mais valor do que um avião para algumas pessoas? Por que não financiar? Nós financiamos aviões. E precisamos financiar, porque a Embraer é uma empresa fantástica de tecnologia de ponta. Mas, quando uma empresa americana compra um avião, nós ajudamos a financiar. Então, por que não financiar o pescador para trocar a sua canoinha, trocar o seu barquinho, colocar uma coisa mais nova? A idéia básica é essa.

Vamos também reduzir em 20% os preços do óleo diesel para a frota pesqueira nacional, item que representa quase a metade dos custos de produção.

Número cinco. Estamos também ampliando a infra-estrutura de desembarque, beneficiamento, armazenamento e comercialização do pescado.



A idéia básica é a seguinte: muitas vezes as pessoas pescam por não ter um processo de armazenamento e de industrialização. O peixe é vendido do jeito que se pesca, muitas vezes, valendo menos do que se a gente extraísse o filé, por exemplo, e utilizasse as outras coisas para fazer ração, para fazer farinha. O dado concreto é que nós queremos dar a nossa contribuição para colocar valor agregado no trabalho de vocês, para que vocês possam ganhar um pouco mais com esse negócio.

Isso pode demorar um tempo, mas podem ficar certos de que eu tenho toda a paciência do mundo. E nós vamos comemorar isso juntos. Podem ficar certos disso.

Os terminais e armazéns pesqueiros da Conab, até então arrendados, estão sendo repassados para a Secretaria, com a finalidade de reativá-los e redirecioná-los para os interesses públicos.

Planejamos igualmente, para o ano que vem, quando teremos mais verba orçamentária, investimentos importantes, como o Terminal Pesqueiro do Rio de Janeiro; a conclusão do Terminal de Cabedelo, na Paraíba; e a construção de outros, distribuídos pelo país.

Número seis. Criamos linhas de crédito específicas por região, para apoiar a pesca artesanal e a aquicultura, com vistas à melhoria dos sistemas de produção, beneficiamento e comercialização do pescado. São recursos que estão contribuindo para expandir a produção pesqueira no Norte e Nordeste em cerca de 20%.

Número sete. Estamos promovendo o desenvolvimento de atividades de suporte à pesca nas áreas de pesquisa, promoção comercial e informações de mercado. Em relação às quatro outras metas da carta-compromisso, posso garantir que também já estamos providenciando o início de sua implementação. Trata-se do sistema de fiscalização de embarcações; da melhor qualificação profissional dos pescadores; do incremento do



cooperativismo no setor, inclusive o de crédito; e do incentivo ao turismo de pesca.

Além disso, como destacou o companheiro Fritsch, pela primeira vez na história do nosso país, os setores pesqueiro e aquícola foram chamados a discutir as políticas públicas num encontro nacional.

Agora, 1046 delegados deverão discutir e aprovar as diretrizes para uma efetiva política de desenvolvimento sustentável para a pesca e a aquíicultura no Brasil.

Meus companheiros e minhas companheiras,

O Brasil tem uma enorme potencialidade para o desenvolvimento da pesca e da aquíicultura, em virtude de suas excelentes condições climáticas, ambientais e geográficas.

Possuímos uma costa de 8 mil e 500 quilômetros de extensão e uma zona econômica exclusiva com mais de 3 milhões e 500 mil quilômetros quadrados, correspondendo à metade de nosso território em área marítima.

Na área continental, o país detém cerca de 12% da água doce disponível no Planeta. Ora, esse conjunto de potencialidades extremamente favoráveis contrasta radicalmente com a situação estrutural e social em que se encontram os setores aquícola e pesqueiro.

Nossa pesca e produção em cativeiro mal chegam a um milhão de toneladas por ano. Países como o Peru, Chile, Argentina e México, que não possuem potencialidades naturais comparáveis às nossas, apresentam uma produção de pescado muito superior à nossa.

A aquíicultura em nosso país tem crescido, como disse o Fritsch, a médias surpreendentes de 25% ao ano. Contudo, nossa produção em cativeiro ainda não alcança 300 mil toneladas anuais, muito inferior a países como a China, por exemplo, que produz milhões de toneladas por ano.

Essa situação torna-se dramática em relação às questões sociais, principalmente no que se refere aos pescadores artesanais. Existem cerca de



um milhão de pescadores artesanais em ação no país. Como essa atividade, em geral, é familiar, cerca de 5 milhões de pessoas tiram seu sustento das lides pesqueiras.

Desse contingente, somente 300 mil são registrados. Vivem, na maioria, em condições precárias, no que se refere ao atendimento de suas necessidades essenciais.

A maior parte é analfabeta ou semi-analfabeta, mora em sub-habitações, sem tratamento de esgoto, e recebe, em média, menos que um salário mínimo por mês. A situação dessas pessoas não é muito diferente daquela vivida há mais de seis décadas por seus antecessores.

Quero lembrar que o programa Pescando Letras, que foi anunciado no Palácio do Planalto, como disse o Fritsch, já tem 5 mil pessoas na escola. É pouco diante do que precisa ser feito. Possivelmente, o sistema de educar os pescadores não seja aquele, companheiro Luizinho, tradicional, de levar o pescador para a escola; é preciso pensar como fazer para que a gente leve a escola até o pescador, já que ele tem que passar uma parte do tempo pescando.

Em 1941, quatro jangadeiros – Jacaré, Jerônimo, Tatá e Manoel Preto – velejaram numa simples jangada durante 61 dias, de Fortaleza ao Rio de Janeiro, com o objetivo de solicitar ao presidente Getúlio Vargas os mesmos benefícios sociais conquistados pelos demais trabalhadores brasileiros.

O feito comoveu a opinião pública da época e foi coberto pela revista “*Times*”.

O heróico empreendimento chegou a ser tema de filme nas mãos do grande cineasta Orson Welles, que utilizou os quatro jangadeiros como atores.

A criação da Secretaria Nacional de Aquicultura e Pesca e as iniciativas já adotadas têm sinalizado aos segmentos produtivos que um novo período se abre para investimentos e dinamização da produção.



Temos condições de ampliar a atividade pesqueira e a aquicultura em cerca de 50% nos próximos três anos, bem como elevar o consumo anual per capita dos atuais 7 quilos para 12 quilos, em 2006.

Faremos o possível e o impossível para recuperar e ultrapassar os níveis dos anos 70, quando o pescado ocupava o segundo lugar, como fonte de proteína, na dieta alimentar do povo brasileiro.

Estamos cuidando tanto da indústria pesqueira como da pesca artesanal e vamos dar, cada vez mais, atenção às políticas que promovam a inclusão social no setor.

São várias e vou citar apenas algumas: o governo incluiu os pescadores artesanais e pequenos aquicultores no Pronaf, resultando na criação do Pronaf/Pesca.

Firmou convênios com a FAO, a Fundação Banco do Brasil e a Codevasf para o desenvolvimento da aquicultura no semi-árido.

Também com o MESA – Ministério de Segurança Alimentar – e a Codevasf firmou convênio para introduzir o pescado na merenda escolar em regiões carentes do semi-árido.

O projeto-piloto prevê, até o início de 2004 – portanto, estamos chegando lá –, a produção de 150 mil refeições por semana, com porções de 50 gramas de peixe por aluno, inicialmente para 20 municípios dos estados da Bahia e do Piauí.

Para os assentados do Plano Nacional de Reforma Agrária, a Secretaria, em parceria com o Ministério do Trabalho e Emprego, vai viabilizar a implantação de unidades individuais ou coletivas de piscicultura.

Quero, por fim, ressaltar a criação, tão comemorada por vocês, do Seguro-Desemprego para o pescador artesanal, aprovada pelo Congresso Nacional, que acabo de sancionar na frente de vocês.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Agora, um desafio para o meu companheiro Fritsch: recebi uma carta,



que me entregaram na hora em que cheguei, de um companheiro do Rio de Janeiro, me parece que de Mangaratiba, Daniel Félix. Não sei se ele está presente aqui. Essa carta diz que ele precisou... Ele é pescador da colônia de pescadores, eu não sei se é 5-17 ou S-17 ou Z-17. Ele gostaria de ter um dinheirinho do Banco do Brasil. Ele diz o seguinte: “Se o Banco do Brasil me emprestar um dinheirinho, vou pagar o mais rápido possível”. E ele pede uma oportunidade para dar à família dele uma vida digna. Esposo: Daniel Félix; Mulher: Regina; uma filha. E ele agradece ao presidente Lula.

Companheiro Félix, eu quero, aqui, pedir um favor a você. Nem sempre, quando a gente anuncia a liberação de algum recurso, esse recurso chega na pressa que a gente gostaria que chegasse. E, muitas vezes, não é má-fé ou má vontade das pessoas. Muitas vezes, é que não havia neste país o hábito de se fazer isso. Possivelmente, muitos gerentes de banco – não que as pessoas não gostem de pescadores – não estavam preparados. Fazia anos que isso não acontecia. Então, vocês terminam sendo estranhos quando chegam a uma agência qualquer.

Eu quero pedir duas coisas a você, companheiro Fritsch. Primeiro, que você crie no seu Ministério um telefone, para as pessoas que forem atrás do dinheiro que você anunciou, e não houver o dinheiro, terem uma linha direta com o governo. Eu acho que isso vale para a pesca e para a agricultura familiar. As pessoas não estavam acostumadas a essa coisa. Então, é preciso preparar, reformular, colocar mais gente, formar as pessoas, porque uma coisa é atender um grã-fino que quer 500 milhões, outra coisa é atender um companheiro que quer apenas 500 reais.

Eu acho que é apenas um processo para que as pessoas não fiquem angustiadas. Eu não tinha por que vir aqui anunciar uma coisa, mas eu sou o Presidente da República e, ao anunciar, essas coisas têm que começar a acontecer, porque senão fica difícil.

Então, Fritsch, acho que isso é uma coisa importante, que vale para as



outras áreas também, para que a gente comece a reeducar o conjunto do país para a nova realidade que estamos vivendo.

Meus companheiros, eu quero agradecer ao Governador, não apenas porque tem sido um extraordinário parceiro, mas porque anunciou aqui que vai, no estado de Goiás, ajudar com 20% em todo investimento que a gente fizer para a reforma agrária, o que é uma coisa excepcional.

Vou completar onze meses de governo no dia 1º de dezembro. E quero dizer para vocês que, nesses onze meses, a cada dia que passa, estou convencido de que estamos no caminho certo. Estou convencido de que as coisas vão acontecer do jeitinho que a gente quer, sem a pressa do atropelamento, para acontecerem corretamente.

Por isso, eu quero dizer para vocês, companheiras e companheiros pescadores, que, nesses onze meses, eu tratei igualmente a classe política brasileira – e é importante que o Marconi Perillo esteja aqui, e tem deputados do PFL e do PMDB – eu duvido que, em algum momento da história, alguém possa dizer que o presidente Lula deu um tratamento diferenciado, porque o prefeito era de tal partido, o deputado era de tal partido, o governador era de tal partido. Quando vou conversar com um representante de uma instituição qualquer, a mim não importa a que partido ele pertença, porque ele tem a mesma responsabilidade que eu tenho em relação aos destinos deste país para melhorar a vida desse povo.

E vou fazer isso nos quatro anos. Vou fazer, porque este país precisa de uma chance. Muitas vezes, a sorte se apresentou diante do país e, por veleidades eleitorais, foi jogada fora.

Eu sou um Presidente da República e não fui um candidato tirado de uma gaveta ou do armário: “Agora, você vai ser o nosso Presidente, porque é preciso evitar que alguém ganhe”. Não! Eu sou Presidente porque, durante treze anos, briguei para ser Presidente da República neste país.

E sou Presidente da República não com o objetivo de fazer milagres,



porque estes só Deus é quem faz. Mas sou Presidente da República e quero terminar o meu mandato e poder me encontrar com vocês, em qualquer lugar do território nacional, olhar na cara de vocês, mesmo quando não tivermos feito tudo aquilo que vocês queriam, e dizer: companheiro, eu me sinto com a consciência tranqüila do dever cumprido, como um pai de família que, mesmo não podendo atender toda a demanda dos seus filhos, trata esses filhos com muita honestidade, com muito carinho e com muito amor. É assim que eu quero tratar vocês durante o meu mandato.

Muito obrigado, meus companheiros. E até a vitória, se Deus quiser.

/cms/lrj